

381
K

GAMBIM
até 28/6

“PODE GRITAR QUE EU FICO NÚ:”

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ANTONIO DE AQUINO MIRANDA
(ANTONIO MIRANDA)

"PODE GRITAR QUE EU FICO NÚ!

ANTONIO MIRANDA

OBSERVAÇÃO:—É proibida a representação, no todo ou em parte, sua reprodução por quaisquer meios mecânicos, messo que parcialmente, sem o consentimento expresso do autor, através da S.B.A.T. — Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais.—

"PODE GRITAR QUE EU FICO NÚ!!! é a Comédia
dos solitários e sonhadores diante da rea
lidade, numa louca e absurda situação.

ANTONIO MIRANDA

"PODE GRITAR QUE EU FICO NÚ;

PERSONAGENS: - Maria das Dores (40/45 anos)
- Gabriel (25/27 anos, Carteiro)

CENA: - Sala de estar
(sobre praticável de 3x3: ao fundo, cômoda com diversas gavetas, tendo, sobre esta, vaso antigo de vidro com flôres de plástico, diversos bibelôs e uma imagem de São Jorge; na parede, diversas molduras muito antigas com fotografias amareladas (um casal de velhos em moldura ovalada, outra de criança em diversas posições e expressões, entre tantas outras). Lado esquerdo, porta da rua com visor. Ao Centro, mesinha-de-centro à frente com duas poltronas, individuais, recuadas, uma de cada lado da mesinha. No piso, ao centro, antigo tapete.)

AÇÃO: - Dia

ÉPOCA: - atual

LOCAL: - Casa de Subúrbio, antiga, das do tipo de porta-e-janela, no Rio de Janeiro.

ANTONIO MIRANDA

«PODE GRITAR QUE SU FICO NÚ:

- ato Único -

-(Abrem-se as cortinas. Foco de luz sobre a Sala de Estar. Maria das Dores está sentada numa poltrona com o olhar perdido. Em seu rosto as marcas da idade. Veste roupa-de-ficar-em-casa e calça chinelos velhos: é como se ela fosse móveis e utensílios daquela casa.)-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MARIA DAS DORES -

Maria das Dores...

Como é que meus pais escolheram êsse nome pra mim?

Porque não Maria das Graças,

Maria da Anunciação - que bonito!,

Maria do Socorro,

Maria da Glória,

Maria Amélia,

Maria de Lourdes,

Maria dos Anzóis, porra!

Não não.

Maria das Dores. Vê se pode?

Isso não é nome de mulher,

é uma cruz pesada pra cacête!

(tempo)

Oh, meus dezessete anos.

Dezessete anos...

Num dia como hoje

pegava um ônibus as seis da manhã e as
sete e meia tava em Co
pacabana

com todo aquele sol me esperando.

Puxa, com o corpo que tinha,

com as coxas cheias de cabelo dourado,
êles me confundiam com as da Zona Sul.
Confundiam, não. eu era a melhor. Êles
é que não sabiam.

De lá andava até a Pedra do Arpoador e nunca
ninguém se deu conta que
eu era uma suburbana.

Também, com a pinta que eu tinha,

êles ficavam babando no peito quando me
viam passar:

assoviavam, jogavam piadinhas, diziam gra
cinhas,

faziam de tudo pra chamar a minha atenção.

Puxa, como eu fui assediada, cantada.

Propostas então, nem se fala.

Mas eu, não. Sempre na minha.

Morar no subúrbio não é o mesmo que morar na Zo
na Sul.

É outra cidade, é outro mundo.

(tempo) Aos vinte e dois..., não.

Acho que aos vinte e três...

É, é isso mesmo, meu pai morreu.

Dois anos depois minha mãe seguiu no ra
tro.

- que Deus os tenha.

Ainda bem que essa casa tava paga.

De qualquer maneira tive que trabalhar.

Senão...

Aí conheci o Anastácio.

Que fracasso. Tenho até vergonha.

Quando eu decidia dá pra ele, ele não
podia,

quando ele queria quem não podia era eu.

Desisti!

Fra muita mão-de-obra.

Baixei a cabeça e me atirei a trabalhar.

Fiz planos pra ficar rica. E achava que
logo-logo isso ia aconte
cer.

De manhã à noite de mermita na bolsa nu-
ma rotina implacável:

da casa pro trabalho do trabalho pra casa,
da casa pro trabalho do trabalho pra casa,
e isso todos os dias!, nêsse ônibus

cheio,

sujo,

fedorento,

empoeirado,

com homem roçando na gente,

outro querendo se encaixar na bunda da gen-
te,

um que me gemia num ouvido e outro que sus-
pirava no outro,

e eu de lá pra cá, de cá pra lá, num jôgo
de cintura disgracado!, pra
depois chegá e vê que ti-
nha uma mancha úmida na
minha saia sem saber nem
porque!

Pode? Pode?

Ah!, mas eu, não. Sempre na minha. Firme.

Me guardando pra quando chegasse a hora.

(tempo) Mas não chegou.

Não chegou mesmo!

Deus que me perdoe,

mas eu me desgastei um bocado com tudo is
so.

Nem rica nem homem nem coisa alguma.

Fiquei aqui, ó:

curtindo no pé, até secá.

E sequei.

E do que adiantou?

Do que adianta todas essas coisas de moça bem
comportada?,

de família bem constituída, da casa paga,
quitada?,

dêsses móveis velhos, dos retratos da fa-
mília na parede - feliz
que já morreu! -

de todos êsses bibelôs?,

do velho pinguim em cima da geladiera to-
da descascada lá na cozi-
nha?,

dessa poltrona que é um ninho de baratas,
do tapete que todas as noi-
tes os ratos comem um pe-
daço?,

do teto que há qualquer hora dessa cai
de tanto cupim?,

do que adianta? Do que adianta?

Maria das Dores,

o que é que você fêz da tua vida?

O que? Me responde?

Que vida foi essa que você escolher pra ti,
Maria da Dores?

Que vida foi essa?

(tempo)

(soluçando) Droga! Droga! Mil vêzes droga!

O Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa,
qualquer puta goza!!!

Mas eu, não. Fiquei na minha.

Nessa minha de merda,

fedorenta.

Meu Deus, Meu Deus,

me devolve meus dezessete anos.

Meus dezessete anos não, meus vinte,

vinte e cinco, meus trin

ta anos. Por favor,

me devolve,

pra que eu possa amar e gozar todos os

homens que me quiseram,
 todos os homens que sonhei fazendo por-
 carias, dizendo palavrõ
 es e coisas feias.

(chorando) Por favor!

Por favor que eu não podeira ter me ne-
 gado tanto assim a vida
 toda!,
 Meu Deus.

(tempo) Se eu contar todos os dias felizes
 da minha vida (com as
 mãos à frente contando
 nos dedos) Não dá um mês.

Não dá uma semana! Não-dá-uma-semana!

(com as mãos no rosto) Porque?

Porque não deixei que suspirassem no meu
 ouvido?,

porque não deixei que respirassem na minha
 nuca?,

porque não deixei que suassem junto comi-
 go na minha cama todas es-
 sas noites de todos êsses
 que estou só?

Porque? Porque?

Porque que deu tudo errado comigo?

(recostada na poltrona olhando para cima com os braços abertos e mãos fechadas)

PORQUE MARIA DAS DORES?

-(Apega-se o foco de luz sobre a sala-de-estar.)-

-(Acende-se o foco de luz sobre Gabriel, o Carteiro, defronte à porta da casa de Maria das Dores.)-

GABRIEL

- (nervoso)

Isso tem que dá certo, tem que dá certo.

(olha pra um lado e para o outro e para o envelope branco que tem numa das mãos) É o único pretexto que tenho. Senão,... eu até nem sei.

(comprime o botão da campainha da porta)

-(Acende-se o foco de luz sobre a sala de estar com Maria das Dores que vem para atender, abrindo o visor da porta.)-

MARIA DAS DORES - Pois não.

GABRIEL

- (com sorriso, olhando para o envelope e para o visor) Dona Maria das Dores só da Silva?

MARIA DAS DORES - Sim.

GABRIEL - Carta pra senhora.

MARIA DAS DORES - Pode me dá.

GABRIEL - Como?

MARIA DAS DORES - Pode me dá, por aqui.

GABRIEL - (estica o braço e Maria das Dores recebe o envelope pelo visor)

MARIA DAS DORES - Obrigado. Da próxima vêz põe por debaixo da porta.

GABRIEL - (sem sorriso) Não posso fazer isso não.

MARIA DAS DORES - (surprêsa) Porque?

GABRIEL - A senhora não tem caixa pra correspondência.

MARIA DAS DORES - É daí?

GABRIEL - Foco a campainha, a senhora atende e eu lhe entrego a carta.

MARIA DAS DORES - E sem eu não estiver em casa?

GABRIEL - Aí eu ponho por debaixo da porta.

MARIA DAS DORES - Então faça isso sempre! (fecha o visor)

GABRIEL - (dá um soco na outra mão) Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

su volto. Eu volto mesmo. (sai. Apaga-se o foco de luz.)

MARIA DAS DORES - (rôsto sério, já abriu o envelope e lê o conteúdo. Em seguida, com largo sorriso, expressão

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

dealegria, comprime a carta no peito com as
mãos, emocionada) que lindo! que boniito!
Puuuxa! (senta-se rápida numa das poltronas
torna a ler como se houvesse mais alguém jun
to à ela) Veja só, veja só!

"Maria das Dores,

Os teus passos marcam os meus caminhos
incretivando meus sonhos de amor.

O teu sorriso é a luz da minha alma que vaga
pelas noites à procura da tua.

Tu és a mulher cultivada entre as flôres nas-
cidas das sombras e luz ocasional

nêste castelo de segredos que aguarda a visita
desse ramalhete de sentimentos:

- eu."

(surprêsa) Eu, quem? Não assinou! (vira o enve
lope) Como é que eu vou saber quem é? (irrita-
da) Ora!, eu tenho mais o que fazer! (levantan
do-se, pondo o envelope e a carta sobre a mesi
nha de centro, saindo. Apaga-se o foco de luz
sobre a sala-de-Estar.)

-(Foco de luz sobre Gabriel, o Carteiro, defronte à porta da ca-

sa de Maria das Dores.)-

GABRIEL - (nervoso, com envelope vermelho numa das mãos)
 Se me tratar como da última vez, ponho essa porta abaixo! Arrombo essa merda! Tá pensando...
 (comprime o botão da campainha da porta. Tempo.)
 Ai, porra. Será que não tem ninguém em casa?
 (torna a comprimir o botão da campainha.)

-(Foco de luz sobre a Sala-de-Estar com Maria das Dores, com outro vestido-de-estar-em-casa, que vem para atender, abrindo o visor da porta.)-

MARIA DAS DORES - Ah, é o senhor, é?

GABRIEL - (com sorriso) Gabriel, é o meu nome.

MARIA DAS DORES - Muito prazer.

GABRIEL - (olha para o envelope e para o visor)
 Dona Maria das Dores só da Silva?

MARIA DAS DORES - (irritada) É claro que sou! No outro sábado o senhor já me trouxe outra carta!

GABRIEL - (sem sorriso) I, não precisa ficar aborrecida.
 Isso é de rotina. (estica o braço com o envelope)

pe para o visor ao que Maria das Dores recebe)

MARIA DAS DORES - Obrigada. O senhor me desculpe. (Fecha o visor)

GABRIEL - (como se falasse à alguém, com as mãos na cintura) Como é que eu posso tá gostando duma vaca estúpida como essa?! Ou mereço? (vira-se e sai. Apaga-se o foco de luz.)

MARIA DAS DORES - (já abriu o envelope e está lendo a carta)

"Meu coração transborda de alegria ansioso pelo momento esperado.

Nossos corpos como se fosse um só envolto em grande manto feito das penas das asas do Fênix" (surpresa, olhando para a frente) -
- O que é isso? Fênix?! Tá doido.

(volta ler a carta) "com todos os sinos tocando, numa única celebração angelical, enquanto nós, entrelaçados, nada saberemos o que estará acontecendo.

Ah, como eu gostaria de beijar teus gestos sem beijar as tuas mãos,
e continuar te amando sem te ter junto à

mim. Mas não consigo.

Só te peço

que quando chegar o nosso momento sonhado
me trates com o carinho que mereço.

- Su."

(vira o envelope de um lado para o outro e o
amassa junto com a carta, irritada) Será que
quem fêz isso não tem mais nada o que fazer,
não? Tá completamente maluco! (atira o envelo
pe e a carta amassados na mesinha-de-centro)
Como é que eu posso se não sei quem é? Se não
assina as cartas que me manda! (com gestos pa
ra a porta) Ora!, que vá pra puta-qui-os-pariu!
(vira-se e sai. Apaga-se o foco de luz sobre
a sala-de-estar.)

-(Poco de luz sobre Gabriel, o Carteiro, na porta da casa de Ma-
ria das Dores.)-

GABRIEL

- (com envelope amarelo numa das mãos, entusias-
mado) Hoje não vai ter jeito. É agora ou nunca.
(olhando para o alto) Vê se segura essa aí, Pe-
dro. Vou dá com as duas mãos, pra desbagaçar.

Vou entrar pra estória. ééé. Olha só.

(comprime a campainha da porta)--(tempo)

Ué! Qual é?

(torna a comprimir a campainha da porta)--(tempo)

Será que eu me quebrei? Não pode ser.

(torna a comprimir a campainha da porta)--(tempo)

Iiii... Mas o que é isso? (olha para o alto) Ô Pe
dro, qual é que é? Vais me largá agarrado no pin-
cel? Logo eu!, Teu devoto pole-posicion! Ah!,mas
o que é isso! Não pode, não pode.

(torna a comprimir a campainha da porta. Abre-se
o visor com Maria das Dores profundamente irrita-
da)

MARIA DAS DORES - O que é, hem? (acende-se o foco de luz sobre a sa
la-de-estar)

GABRIEL - (sorrindo sem graça) Carta, né.

MARIA DAS DORES - Me dá logo isso aqui! Não se pode nem dormir!

GABRIEL - (esticando o braço para o visor ao que Maria das
Dores recebe a carta) A senhora me desculpe. Eu
não sabia.

MARIA DAS DORES - E o senhor vem logo no sábado à tarde!

GABRIEL - Sabe como é, é muita correspondência.

MARIA DAS DORES - O Correio agora funciona sábados de tarde?

GABRIEL - Dependendo do volume de entrega, sim.

MARIA DAS DORES - Que coisa engraçada!

GABRIEL - (sem sorriso) O que, Dona Maria?

MARIA DAS DORES - O senhor só aparece aqui nos sábados de tarde?

GABRIEL - (com sorriso) É. Pode ser coincidência.

MARIA DAS DORES - (brusca) Passe bem, seu Gabriel. Bom fim-de-sena. (fecha o visor)

GABRIEL - (levanta uma das pernas em direção à porta e faz um ruído com a boca (como se desse um peido))-(sério) Megera. Idiota. Panaca. (olha para o alto) Você hem, Pedro. Me decepcionou. Que fi-sco! Que coisa horrorosa! Tô até com vergonha. (baixa a cabeça, vira-se e sai. Apaga-se o o foco de luz.)

MARIA DAS DORES - (que já abriu o envelope e lê a carta)

Massim não é possível. Quem te autorizou a apa
recer nos meus sonhos? Não posso nem mais
dormir. Decididamente, você tomou todos os
lugares vagos na minha vida. Preencheu to-

dos os claros existentes na minha existência
cia.

Agora, não há mais condição de fugir da realidade
dade,

da única realidade que existe para nós:
Eu e Você.

assinado - SU."

(irritada, olhando para os lados sem saber o
que fazer) Que desgraçado! Infeliz, filho de
uma grandíssima puta! Quem faz isso com uma
mulher como eu não pode ter mãe! Deve ter saído
do dum ovo! Duma chocadeira! (amassa e depois
tenta rasgar o envelope e a carta amassados) É
tão ruim que não rasga! (atira para cima da cômoda
moda) Merda! (tempo) Tava tão bem dormindo e
vem isso pra estregar tudo. Tudo! (tempo) Que
coisa mais idiota, doida. (senta-se) Mas eu preciso
descobrir quem me manda essas cartas. (leventa
venta-se e recolhe todas as cartas com os envelopes
lopes e os põe sobre a mesinha-de-centro) Quando
seu Gabriel vier aqui, vou pedir a ele pra me
informar como é que eu posso ficar sabendo disso
so. Senão isso não acaba nunca. Ou ata ou desa

ta. Do jeito que tá é que não pode ficá. (vira-se e sai. Apaga-se o foco de luz sobre a Sala-de-Estar.)

-(Foco de luz sobre Gabriel, o Carteiro, na porta da casa de Maria das Dores.)-

GABRIEL

- (com cara de mau)

Vou tratar no desprezo. Mulher tem que ser assim - pau a pau - nem mais nem menos. É toma lá e me dá cá.

(comprime a campainha da porta)-(tempo)

Hoje não tô com paciência! (olhando para o alto) Pedro, não preciso da tua ajuda. Não quero!

(torna a comprimir a campainha da porta. Acende-se o foco de luz sobre a sala-de-estar com Maria das Dores, com um outro vestido-de-estar-em-casa, que vem para atender, abrindo o visor)

GABRIEL

- É carta pra senhora!

MARIA DAS DORES - Eu preciso mesmo falar com o senhor. (fecha o visor e abre a porta)

GABRIEL

- (falando pra si mesmo, com espanto) Mentira! Não acredito.

MARIA DAS DORES - (surprêsa) O que?

GABRIEL - (com gestos, disfarçando) Nada não. Tô falando
aí.

MARIA DAS DORES - Pode entrar, seu Gabriel.

GABRIEL - (entra e abre largo sorriso enquanto Maria das
Dores fecha a Porta. Apaga-se o foco de luz fre-
te à porta.) Que surprêsa maravilhosa! (sentan-
do-se numa das poltronas) É muito bonita a sua
casa, Dona Maria.

MARIA DAS DORES - (sempre séria) eu não acho. (sentando-se na ou-
tra poltrona)

GABRIEL - (sorrindo, esforçando-se para ser delicado)
Mas é a sua casa.

MARIA DAS DORES - Disse eu sei. Nunca tive outra.

GABRIEL - Casa da gente é sagrada. E depois, quem sabe,
um dia...

MARIA DAS DORES - O senhor tá brincando.

GABRIEL - Não, não senhora. Com essas coisas não se brin-
ca. A vida está cheia de belas surprêsas

MARIA DAS DORES - (interrompendo) Não pra mim.

GABRIEL - Não diga isso. Somos todos filhos de Deus. E a
vida

MARIA DAS DORES - (interrompendo) Bom, seu Gabriel, o que eu que

ro conversar com o senhor não é isso não.

GABRIEL - (com certa surpresa, perdendo o sorriso)
O que é então?

MARIA DAS DUKAS - O senhor está vendo essas cartas em cima da
mesinha?

GABRIEL - Sim.

MARIA DAS DUKAS - Pode pegá.

GABRIEL - (apanha as cartas junto com os envelopes) São
as cartas que trouxe para a senhora. (torna a
sentar desamassando os papéis)

MARIA DAS DUKAS - É sobre isso que quero falar com o senhor.

GABRIEL - (muito sério) Sou todo atenção.

MARIA DAS DUKAS - Como o senhor poderá notar, nenhuma dessas car-
tas tem assinatura. E nos envelopes não consta
o remetente.

GABRIEL - (verificando a falta dos dados citados) É ver-
dade. Não consta nada.

MARIA DAS DUKAS - O que eu preciso saber do senhor, é como eu pos-
so ficar sabendo quem me manda essas cartas, lá
no Correio.

GABRIEL - Ah, tem o seguinte (verificando um envelope): co

no a senhora poderá verificar, nos envelopes consta o carimbo da agência em que a carta foi depositada.

MARIA DAS DORES - Eu não entendo nada disso.

GABRIEL - Por isso estou aqui pra lhe explicar.

MARIA DAS DORES - Me dê um desses envelopes.

GABRIEL - Pois não. (alcançando um dos envelopes e tornando a sentar) , no presente caso, o carimbo é o da Agência Central dos Correios, lá na cidade.

MARIA DAS DORES - Não conheço ninguém por aqueles lados.

GABRIEL - Alguém daqui de perto, ou que conheça a senhora, pode ir até a cidade e depositar lá a carta que chega para a senhora. E lhe digo mais: pela caligrafia, é carta de homem.

MARIA DAS DORES - (pensativa) Como é que pode? Não me dou com quase ninguém. A não ser os mais idosos daqui do bairro.

GABRIEL - Não, não. Pela letra, (examinando uma das cartas) é de homem com idade aproximada... deixa ver. (aproximando mais dos olhos uma das cartas)

É. É isso mesmo. (passando a carta para Maria das Dores) Entre 25 e 30 anos.

MARIA DAS DORES - (recebendo a carta e logo examinando a caligrafia, com espanto) Como é que o senhor sabe?

GABRIEL - simples. Muito simples. A letra é firme, de homem determinado. E isso é muito comum nos homens de 25 à 30 anos, mais ou menos.

MARIA DAS DORES - (olhando para a carta) É. O senhor tem razão. E a caligrafia é bonita.

GABRIEL - Muuuuito. Beleza.

MARIA DAS DORES - E lá na Agência Central eles não teriam como me dizer de quem é?

GABRIEL - Difícil. E digo mais: a senhora sempre recebeu estas cartas no sábado. Não é?

MARIA DAS DORES - O Senhor sabe que sim.

GABRIEL - Então veja bem. quem remeteu estas cartas, foi até a cidade nas quintas-feiras, no final do expediente.

MARIA DAS DORES - E como é que o senhor sabe?

GABRIEL - É simples. Muito simples. As cartas deposita-

das no final do expediente das quintas-feiras, são remetidas pras Agências dos Bairros na sexta-feira, de tarde, após a seleção, por computador, de todas as correspondências lá depositadas.

MARIA DAS DORAS - E como é que eu só recebo essas cartas no sábado?

GABRIEL - Depois que as cartas chegam aqui na Agência, na sexta-feira, de tarde, é feita nova seleção pelas ruas e avenidas do bairro. Isso leva um pouquinho de tempo. Aí, no sábado, eu, recebo o meu volume de entrega, já selecionado, e vou a luta.

MARIA DAS DORAS - Mas o senhor só entrega aqui sempre nas tardes de sábado!?

GABRIEL - Da maneira como eles selecionam eu sou obrigado a seguir a rotina estipulada lá pela chefia, né.

MARIA DAS DORAS - Então eu sou sempre a última a receber!?

GABRIEL - Como é que a senhora sabe?

MARIA DAS DORAS - Ainda há pouco o senhor me trouxe uma que nem abri e não tem mais nenhuma com o senhor!?

- GABRIEL - Claro! É a seleção que expliquei pra senhora que a Agência aqui determina pra mim entregar. Casualmente, a sua é a última correspondência.
- MARIA DAS DORAS - Que eu me lembre, das outras vâzes o senhor também não tinha outras cartas com o senhor.
- GABRIEL - Sinceramente, não me lembra. Cada dia é um dia na vida da gente.
- MARIA DAS DORAS - É. (levantando-se e indo em direção à porta) Pelo jeito eu vou ser obrigada a dar parte na Polícia.
- GABRIEL - (levantando-se, no susto) POLÍCIA!
- MARIA DAS DORAS - Sim, seu Gabriel. Senão isso não vai parar nunca.
- GABRIEL - Mas Polícia não.
- MARIA DAS DORAS - (voltando) Como que não se o senhor acabou de me explicar que o Correio não tem como identificar quem se manda essas cartas?
- GABRIEL - Mas a senhora há de convir que nada é impossível.
- MARIA DAS DORAS - Por isso eu vou recorrer à Polícia.
- GABRIEL - (assustado com espanto) Mas logo a Polícia?!

MARIA DAS DORES - Ué! E porque não?

GABRIEL - A senhora pode arruinar a vida de um cidadão!

MARIA DAS DORES - E o senhor acha que eu tenho que ficar exposta a este tipo de relacionamento!?

GABRIEL - Também não é tanto assim!

MARIA DAS DORES - Como que não? Não é o senhor que recebe essas cartas!

GABRIEL - Bem... Se a senhora quiser, eu posso lhe ajudar ou pelo menos tentar lhe ajudar nisso.

MARIA DAS DORES - Mas o senhor não acabou de me dizer

GABRIEL - (interrompendo) eu disse, claro! Mas veja bem, acrescentei que nada é impossível. Inclusive eu posso tentar junto ao pessoal lá da agência Central a desvendar esse caso.

MARIA DAS DORES - Nada disso! Depois de tudo que o senhor me disse eu já tomei minha decisão.

GABRIEL - Mas, assim, sem pelo menos tentar outros meios.

MARIA DAS DORES - Não existe outros meios!

GABRIEL - Olha que pode existir.

MARIA DAS DORES - Vou entregar tudo para a Polícia! (indo em direção à porta)

GABRIEL - Isso é assunto decidido, Dona Maria?

MARIA DAS DORES - É! É assunto decidido.

GABRIEL - Então a senhora me faça um favor, sente-se aqui. (apontando uma das poltronas, cavalheirescamente)

MARIA DAS DORES - (surpresa) Como é que é?

GABRIEL - Por gentileza, Dona Maria, sente-se aqui. (tornando a apontar a poltrona)

MARIA DAS DORES - (se aproximando da poltrona ofertada) Mas a troço do que se a nossa conversa já está encerrada?!

GABRIEL - É o que a senhora pensa. Por favor, sente-se.

MARIA DAS DORES - (sentando-se) seu Gabriel, seja breve, por favor.

GABRIEL - Porque ser breve? quem me convidou pra entrar foi a senhora!

MARIA DAS DORES - aqui em casa nunca entrou homem nenhum sob qualquer pretexto. E os vizinhos, o que poderão falar com a sua demora aqui em casa?

GABRIEL - Os vizinhos que se danem!

MARIA DAS DORES - Lembre-se que o senhor está em minha casa.

GABRIEL - Disso nem precisa me lembrar.

MARIA DAS DORES - Acho bom. Ainda bem.

GABRIEL - O motivo de lhe pedir para que se sente, Do
na Maria, é muito simples.

MARIA DAS DORES - Sim.

GABRIEL - Eu tenho uma surpresa para a senhora.

MARIA DAS DORES - O senhor?

GABRIEL - E por que não?

MARIA DAS DORES - (desconcertada) Não... não sei. ...sei lá.

GABRIEL - Pois então, preste muita atenção.

MARIA DAS DORES - É o que eu estou fazendo.

GABRIEL - Eu sei quem lhe remeteu todas essas cartas de
amor! (apanhando todas as cartas e envelopes
que estão sobre a mesinha)

MARIA DAS DORES - (surpresa) O senhor sabe!?!

GABRIEL - É claro! Ninguém melhor do que o seu carteiro!
(atirando tudo para o alto que cai espalhando-
se na sala-de-estar)

MARIA DAS DORES - (espantada) O que é isso? Onde o senhor pensa
que está?

GABRIEL - Na sua casa!

MARIA DAS DORES - Não faça mais nada e saia daqui!

GABRIEL - Fica sentada aí!

MARIA DAS DORES - (irritada) Como é que é!?!?

GABRIEL - (pondo-se em guarda da porta) É isso mesmo!
 e cala essa boca pra ouvir o que eu tenho pra
 te dizer!

MARIA DAS DORES - O Senhor

GABRIEL - (interrompendo) VISTA!! E BICO CALADO!!

MARIA DAS DORES - (assustada) Mas... como? ...O que... é isso?

GABRIEL - Olha aqui, Maria das Dores, vai me ouvir e fa-
 zer o que eu tenho pra te mandar!

MARIA DAS DORES - Tá... tá bom. Mas o senhor... se acalme.

GABRIEL - Agora, eu estou calmo.

MARIA DAS DORES - eu... eu estou lhe ouvindo.

GABRIEL - E para com negócio de senhor. Eu sou o Gabriel.
 O teu Gabriel, Maria das Dores!

MARIA DAS DORES - (assustada e espantada) Mas!?!?

GABRIEL - É. O teu Gabriel, o que tanto você sonhou duran-
 te toda a tua vida.

MARIA DAS DORES - Eu nunca consegui... sonhar com homem nenhum.

GABRIEL - Mentira! Mentira! Confessa que sempre sonhou com êste pedaço de homem aqui!

MARIA DAS DORES - Se o senhor... não, se você diz que sim... quer dizer...

GABRIEL - Confessa logo, porra!

MARIA DAS DORES - Se quer assim 'e porque é.

GABRIEL - Senta na poltrona como mandei.

MARIA DAS DORES - Tá bom. Eu sento. (sentando-se)

GABRIEL - Eu tô no teu saque faz horas.

MARIA DAS DORES - No meu o que?

GABRIEL - Saque. Saque. Tô na tua campana faz tempo. Te curingando todos os finais de tarde quando você vai comprar pão no armazém da esquina. É porque acha que fiquei maluco por tí?

MARIA DAS DORES - (com os olhos arregalados) Eu...eu... eu não sei...

GABRIEL - Sempre me dá um sorriso e sai requebrando só pra mexer comigo. Tá pensando que sou de ferro?

MARIA DAS DORES - Não... nunca...pensei nada.

GABRIEL - Jogou comigo o tempo todo na maldade, Maria das
Dores. E isso não se faz.

MARIA DAS DORES - Mas eu...

GABRIEL - Pensa que foi brincadeira todas as sextas-feiras
ir até a cidade e colocar essas cartas pra eu
mesmo vir entregar aqui? Pensa?

MARIA DAS DORES - sacrifício...

GABRIEL - Nada disso. Eu fiz porque gosto de tí. E essa
foi a única maneira de chegar até você. Tive
até que dizer que meu nome era Gãbriel, na
tua porta, pra vê se você se tocava.

MARIA DAS DORES - Tocava?

GABRIEL - Pra fazer você perceber toda essa transa.

MARIA DAS DORES - Tran... transa?

GABRIEL - (irritado) Transa, sim! Todo esse meu jôgo
pra você prestar mais atenção em mim!

MARIA DAS DORES - Ah... Ah, sim.

GABRIEL - E ainda querendo ir pra Polícia que de qual-
quer maneira ia acabar descobrindo tudo e eu
perdendo o meu emprêgo. Além de tudo é egois-
ta. Só pensa em você mesma. Será que nunca
parou um minuto pra pensar em outra pessoa?

MARIA DAS DORES - (aproveitando a oportunidade) Claro! É...
claro. Pensei em ti.

GABRIEL - Por falar nisso, não leu minha última carta?

MARIA DAS DORES - Ia ler quando você saísse. Su... eu não espe
rava... não esperava nada disso.

GABRIEL - Cadê ela?

MARIA DAS DORES - O que?

GABRIEL - A carta que eu entreguei hoje!

MARIA DAS DORES - (apontando, nervosa) A... ali... ali no chão.

GABRIEL - Como você é relaxada. (apanhando a carta no
chão) Nem pra cuidar das cartas que te mandei.
(abrindo o envelope e retirando a carta)

MARIA DAS DORES - Eu ia arrumar... arrumar tudo.

GABRIEL - Arrumar o cacête. Presta atenção nêstes versos.

Maria das Dores,

Jamais pude imaginar que meus sentimentos fossem
trêz todos com tamanho desprezo. Logo eu, que
te amo tanto, é a quem você, por pura malda
de, faz questão de ignorar.

É inconcebível que você faça tanta força pra não
me retribuir com os teus sentimentos.

Mas não há de ser nada, pois chegará o dia
em que todos os erros serão reparados,
e aí,
estarei te amando muito mais.

assinado - "U." (bate com a mão no peito)

MARIA DAS DORES - (com voz embargada) do... bonito. Mui...Muito
bonito.

GABRIEL - Agora me diz uma coisa. Sinceramente do fundo
do teu coração: quem mais poderia ter escrito
coisas tão bonitas pra ti? quem mais?

MARIA DAS DORES - Nin...ninguém...Nin...ninguém...mais.

GABRIEL - só eu! (tempo) só eu. (Pausa: Vai até a porta,
abre o visor e torna a fechar. Maria das Do-
res, sentada, o tudo observa. Gabriel vai a-
té o lado oposto da sala-de-estar da porta de
entrada e volta ao meio da sala, encostando-
se na cômoda, cruzando os braços, com leve
sorriso.) eu preciso saber, onde fica o nos-
so ninho de amor.

MARIA DAS DORES - (muito surrada) Como é que é!?!

GABRIEL - Isso mesmo. Onde é o nosso ninho de amor?

MARIA DAS DORES - (levantando-se, desesperada, indo em direção à Gabriel, numa atitude de agressão física, batendo com suas mãos no peito de Gabriel, sem que ele em nada modifique sua posição) Louco! Débil-mental! Filho-da-Puta! Tarado que não sabe o que está fazendo! Desgraçado! (em seguida indo até a porta e a abrindo) Fora daqui! Anda! Fora! Fora! FORA DAQUI!!!

GABRIEL - (vai até a porta, fecha-a e aponta uma das poltronas para Maria das Dores) Senta lá! (tempo: encaram-se) Senta lá, eu já mandei! (tempo) TÁ SURDA? SENTA LÁ!

MARIA DAS DORES - Será que não entende!

GABRIEL - SENTA LÁ, PORRA!

MARIA DAS DORES - (anda de costas até a poltrona observando Gabriel) Olha lá o que vai fazer. Pensa bem. Pensa bem pra não se arrepender depois.

GABRIEL - Cala a boca. (anda até o centro da sala)

MARIA DAS DORES - Está dentro da Minha casa!

GABRIEL - Não interessa!

MARIA DAS DORES - COMO NÃO INTERESSA?

GABRIEL - NÃO GRITA!

MARIA DAS DORES - GRITO SIM! ESTOU NA MINHA CASA!

GABRIEL - Ah! Vai continuar gritando?! VAI?

MARIA DAS DORES - VOU!

GABRIEL - (descalça os sapatos com os pés)

MARIA DAS DORES - (de pé) O que é que está fazendo?

GABRIEL - (desabotoando a camisa) Tirando a roupa!

MARIA DAS DORES - (espantada, com os olhos arregalados) O que!

GABRIEL - (ainda desabotoando e tirando a camisa) Tirando a roupa!

MARIA DAS DORES - VOCÊ ESTÁ LOUCO!

GABRIEL - Para de gritar!

MARIA DAS DORES - NÃO PARO! SOCORRO! SOCORRO!

GABRIEL - AH, É! PODE GRITAR QUE EU FICO NÚ!

MARIA DAS DORES - PARA COM ISSO!

GABRIEL - NÃO PARO, NÃO PARO, NÃO PARO!

MARIA DAS DORES - Daqui há pouco vem todo mundo aqui!

GABRIEL - (num pulo fica de pé numa das poltronas) quando todo mundo chegar aqui estou nú! E o que é que eles vão dizer quando me virem assim na tua casa? (tirando o cinto e desabotoando as calças)

MARIA DAS DORES - (com as mãos no rosto) Pelo amor de Deus, para com isso!

GABRIEL - Para porra nenhuma! (tirando as calças)

MARIA DAS DORES - (suplicante, ajoelhando-se) Não faça isso, eu suplico!

GABRIEL - (sem calça, tirando as meias) Nem com longa pe nitência!

MARIA DAS DORES - Eu tenho vergonha! O que é que os vizinhos vão dizer?!

GABRIEL - que o anjo Gabriel posô na tua casa e dormiu contigo! (num pulo da poltrona para o chão, fi cando de frente para Maria das Dores que está de joelhos com as mãos postas)

MARIA DAS DORES - Não faça isso! Eu não mereço!

GABRIEL - É eu mereço por acaso?

MARIA DAS DORES - Isso eu não sei! (levantando-se, indo até a cô moda) Mas a humildade é tudo na vida!

GABRIEL - Não fiz voto de pobreza!?! (num pulo fica de pé em outra poltrona olhando para Maria das Dores)

MARIA DAS DORES - (que abriu a primeira gaveta da cômoda retirando um facão, virando-se para Gabriel com a arma em punho) A força ninguém vai me comer!

- GABRIEL - O que é isso? (surprêso)
- MARIA DAS DORES - Um facão! Não tá vendo?(com sorriso mefistofélico)
- GABRIEL - (apavorado) Pra...pra que isso?
- MARIA DAS DORES - Pra te abrir ao meio e te capá!(avançando em direção à Gabriel)
- GABRIEL - (num pulo posicionando-se atrás da poltrona)
Pa...pa...para aí! Na...na...não vem não!
- MARIA DAS DORES - Seu filho-da-puta, me apavorando dentro da mi
nha própria casa!
- GABRIEL - E...e...eu acho...que...que você não entendeu
na...na...nada.(correndo para a outra poltrona com Maria das Dores indo em sua direção)
- MARIA DAS DORES - Eu entendi tudo! Tudo!
- GABRIEL - Ô...ô...ô Maria, pera aí. Vamo conversá, né.
- MARIA DAS DORES - Eu quero vê saí nú por aquela porta!
- GABRIEL - E...E...E o que é que os vizinhos vão dizer?
...o que é que os vizinhos vão dizer me vendo
sair assim da tua casa?(indo para trás da outra poltrona com Maria das Dores sempre em sua direção, lentamente)
- MARIA DAS DORES - Dane-se os vizinhos! Não foi assim que você disse?

GABRIEL - É, eu disse. Só não contava com essa.

MARIA DAS DORES - Essa o que?!!

GABRIEL - Com êsse baita facão, né Maria das Dores!

MARIA DAS DORES - Ah!, não contava não?

GABRIEL - (assumindo uma atitude, indo até a cômoda e ficando de frente para a platéia) Tá legal! Tá legal! Já que é assim, você pode me matá. Pode mesmo. Eu saio por aquela porta morto. Mortinho da silva. Só que, completamente pe lado. (tira a sunga ficando totalmente nú, com Maria das Dores, profundamente envergonhada, deixa o facão cair no chão e põe as mãos no rôsto)

MARIA DAS DORES - Óóóóóó...

GABRIEL - É isso aí. (cruzando os braços, olhando para a frnete) Agora pode fazer de mim o que qui zer.

MARIA DAS DORES - (sentando-se numa poltrona, com as mãos no rôsto) Mas não é possível!

GABRIEL - Estou à tua disposição pro que quiser fazer comigo.

-(PAUSA: Gabriel nú, de pé, braços cruzados, de frente para a platéia; Maria das Dores, sentada, com as mãos no rosto, expressão de vergonha, soluçando. No chão da sala-de-estar, espalhados: envelopes e cartas, o facão, roupas e sapatos de Gabriel.)-

MARIA DAS DORES - Su, quieta no meu canto

GABRIEL - (interrompendo) Com a boca fechada você faz um barulho danado!

MARIA DAS DORES - É problema meu!

GABRIEL - Nosso!

MARIA DAS DORES - Meu!

GABRIEL - (tempo: chega perto de Maria das Dores com o dedo em riste) O que você tem, é medo de você mesma.

MARIA DAS DORES - (levantando-se) Su não tenho medo de nada!

GABRIEL - É porque toda aquela gritaria?

MARIA DAS DORES - Com um louco como você sou obrigada a pedir socorro.

GABRIEL - (irônico) Pra quem?

- MARIA DAS DORAS - Ora,...pros vizinhos.(sentando-se)
- GABRIEL - E você acha que os outros se importam?
- MARIA DAS DORAS - Nasci e me criei aqui no bairro.
- GABRIEL - Ninguém se importa com os outros. Sabe como eles pensam? (tempo) Danem-se!
- MARIA DAS DORAS - Isso é o que você diz.
- GABRIEL - Não precisa muito. Quem chegou aqui pra te socorrer?
- MARIA DAS DORAS - (tempo) Isso não quer dizer
- GABRIEL - (interrompendo) Quem?!
- MARIA DAS DORAS - (desconcertada) Nin ninguém. (baixa a cabeça)
- GABRIEL - Ninguém! Veja bem: ninguém! E você ainda pede socorro... (voltando-se, num salto sentando-se sobre a cômoda) Você se fechou na casca e esqueceu da vida. E ela tá aí, passando por ti, te atropelando. Fica sabendo, que essa sociedade de merda, principalmente os teus vizinhos, é tão absurda e má como na Idade Média. Eles, tão mesquinhos e idiotas, tem tanto medo quanto você, - que ainda tem coragem de pedir socorro pros que não vão te socorrer! E não

fica pensando que eles não ouviram toda essa confusão e gritaria que nós fizemos aqui, não. Ouviram tudo, e ficam cochichando uns com os outros. Mas te socorrer, -ah! isso é que não!

MARIA DAS DORES - Não acredito em nada disso.

GABRIEL - É, eu devo ser maluco. Panaca.

MARIA DAS DORES - Todo mundo sabe que sou uma mulher sozinha.

GABRIEL - E daí?

MARIA DAS DORES - Eles devem tá tomando providências.

GABRIEL - (irônico) que providências?

MARIA DAS DORES - Chamando a polícia, sei lá.

GABRIEL - Duvido! Duvido mesmo.

MARIA DAS DORES - (surpresa) Porque?

GABRIEL - Só os loucos fazem isso. E ninguém tá afim de se incomodar.

MARIA DAS DORES - (de pé, olhando para o alto com as mãos postas)
Meu Deus, o que é que eu fiz pra passar por isso?

GABRIEL - Ele não vai te responder.

MARIA DAS DORES - (na mesma posição) Porque isso tem que aconte-

cer logo comigo? Logo eu que cuido só da minha vida, não mereço essa violência.

GABRIEL - (surprêso) Violência?!

MARIA DAS DORES - (tempo:olhando para Gabriel) É. Violência sim.

GABRIEL - (pondo-se de pé) Me despojo de tudo, fico nú - não porque tirei todas as minhas roupas, mesmo porque não tenho outra maneira - me pondo inteiramente à tua disposição, e você chama isso de violência?

MARIA DAS DORES - (com as mãos na cintura, chegando-se à Gabriel) se não é violência, é o que?

GABRIEL - Pode até ser um um um um arroubo de loucura! Mas violência não! e depois dessa, de toda essa tua incompreensão, vou amarrar duas bolas de aço nos pés e me atirar na Baía de Guanabara pra quebrar o pescoço!(sentando-se numa poltrona)

MARIA DAS DORES - Já devia ter feito isso há muito tempo!

GABRIEL - Pelo menos não estaria passando êsse vexame!

MARIA DAS DORES - E eu estou passando o que?

GABRIEL - Aiaiai! A vida tem seus grandes momentos. É até

bonita e generosa. só que eu, neste momento,
lamentavelmente, acho a vida uma porcaria!

MARIA DAS DORES - Porcaria é o que você quer fazer na minha casa!

GABRIEL - (irônico) Brilhante! Brilhante! Ela está che-
gando lá!

MARIA DAS DORES - Não vou a lugar nenhuma! Ponha já a sua roupa
e saia daqui!

GABRIEL - Depois de toda essa empenhada, você quer que
eu vá embora?

MARIA DAS DORES - quero e agora!

GABRIEL - Ah!, não. Isso é brincadeira.

MARIA DAS DORES - (apanhando as roupas de Gabriel e atirando em
cima dele) Não estou brincando! Vista-se e
saia já daqui! Anda logo, anda logo!

GABRIEL - (que continua na mesma posição) Não gasta ener-
gia a tôa porque eu não tenho pressa nenhuma.

MARIA DAS DORES - Anda, eu já disse!

GABRIEL - Pode dizer à vontade.

MARIA DAS DORES - (apanhando o facão do chão) Vamos ver se você
não se veste logo e sai daqui?

GABRIEL - Vamos.

MARIA DAS DORAS - (com o facão em punho, muito zangada) Está du
vidando?!

GABRIEL - Estou. (tempo) Como é?, não vai fazer nada?

MARIA DAS DORAS - (investe contra Gabriel ao que êste se põe, de
imediate, atrás da poltrona) Vou e agora!

GABRIEL - Faz! (indo para trás da outra poltrona) Faz!

MARIA DAS DORAS - (perseguindo Gabriel) Faço mesmo! Faço mes-
mo!

GABRIEL - Péra aí, péra aí!

MARIA DAS DORAS - (parada) Péra aí o que?

GABRIEL - Péra aí.

MARIA DAS DORAS - Resolveu pôr a roupa?

GABRIEL - Não. Isso nunca.

MARIA DAS DORAS - (irritada) Então o que é?!

GABRIEL - Nós vamos começar tudo de novo?

MARIA DAS DORAS - Tudo de novo o que?

GABRIEL - Você correndo atrás de mim e eu fugindo de tí?

MARIA DAS DORAS - Só que agora ou você se veste

GABRIEL - (interrompendo) Ou você me abre ao meio!

MARIA DAS DORES - É ISSO MESMO!!

GABRIEL - Não precisa gritar mais! Senão eu começo a gritar também! QUER VER?!

MARIA DAS DORES - (tempo) Não! (tempo: tentando se acalmar) O que é agora?

GABRIEL - Dêsse jeito não vamos chegar a nenhuma conclusão.

MARIA DAS DORES - Já decidi que você vai embora!

GABRIEL - A essa altura do campeonato não adianta vo
cê se aborrecer.

MARIA DAS DORES - Não quero saber! Vai embora!

GABRIEL - Não vou!

MARIA DAS DORES - O que?

GABRIEL - Não vou!

MARIA DAS DORES - (num desabafo para o alto) Não é possível! (a-
tirando-se numa poltrona) Não pode ser! (fican-
do totalmente relaxada com os braços caídos pa-
ra os lados) Como é que eu posso?! Não pode
ser, não é possível!

GABRIEL - (cinicamente) O que que não é possível?

MARIA DAS DORES - Ter um homem dentro da minha casa pra mim matar!

GABRIEL - Ninguém quer te matar!

MARIA DAS DORAS - Pra mim, matar. (desanimada)

GABRIEL - Só quem fala em matar é você.

MARIA DAS DORAS - Eu queria, mas não posso.

GABRIEL - É tão simples. É só me encurralar num canto, me enfiar esse facão aqui no peito (indica com a própria mão) e me enterrar no fundo do quintal. Quem é que vai saber?

MARIA DAS DORAS - (tempo) É crime, é pecado.

GABRIEL - Sem testemunha não existe crime nem pecado. E depois, é só eu e você.

MARIA DAS DORAS - O que é que eu tenho que fazer, pra você ir embora?

GABRIEL - Nada.

MARIA DAS DORAS - (surpresa) Como, nada?

GABRIEL - É só me ouvir.

MARIA DAS DORAS - Ouvir mais o que? (desanimada)

GABRIEL - Eu ainda não disse nada!

MARIA DAS DORAS - Mas só você

GABRIEL - (interrompendo) Você ainda não me deixou di-

zer o que tenho pra te falar!

MARIA DAS DORES - (muito surpresa) ~~seu~~!?!

GABRIEL - É, você! (apontando)

MARIA DAS DORES - Tudo o que eu precisava saber você já me disse, e, o que é pior, depois de tudo, ficou nú!
Um abuso! E você ainda diz que ~~eu~~ não deixei
você dizer o que tinha pra me falar?!

GABRIEL - (cynicamente) É.

MARIA DAS DORES - Cínico!

GABRIEL - Posso falar?

MARIA DAS DORES - Não. (tomando a relaxar na poltrona)

GABRIEL - (sentando-se noutra poltrona) Muito bem. Vou
esperar que você me autorize.

MARIA DAS DORES - Su autorizar?

GABRIEL - Afinal de contas estou na tua casa.

MARIA DAS DORES - O que eu quero, é que você vá embora.

GABRIEL - Não vou.

MARIA DAS DORES - (tomando posição) Quer dizer que vamos passar
todo o tempo eu mandando você ir embora e vo-
cê dizendo que não vai?

GABRIEL - Parece que sim. Não depende só de mim.

MARIA DAS DORES - E depende do que mais?

GABRIEL - De tí.

MARIA DAS DORES - (largando o facão no chão, levantando-se) Mui
to bem. Já que é assim, vou me trancar no meu
quarto. (dando dois passos)

GABRIEL - Como é que é? (num salto, pondo-se de pé)

MARIA DAS DORES - (perando) Vou para o meu quarto, me trancando
lá dentro.

GABRIEL - Não vai a porra de quarto nenhum!

MARIA DAS DORES - O que é que tá pensando

GABRIEL - Pensando nada! (indo na direção de Maria das Do
res) E trata de sentar aí duma vêz! (apontando)

MARIA DAS DORES - Será que não entende

GABRIEL - (interrompendo) Não quero entender mais nada!
Senta aí logo! (apontando)

MARIA DAS DORES - Não vou sentar!

GABRIEL - (levando Maria das Dores para a poltrona, for-
çando-a a sentar)

MARIA DAS DORES - Tá maluco?!

GABRIEL - (posicionando-se no meio da sala) Tô quase!

MARIA DAS DORES - Já passou dos limites!

GABRIEL - (posicionando-se no meio da sala) Há muito tempo! só eu é que sei!

MARIA DAS DORES - Eu não vou

GABRIEL - (interrompendo) se levantar daí vou te arrebentar a cara!

MARIA DAS DORES - (com surpresa) Você não

GABRIEL - (interrompendo) É ISSO MESMO!! QUER EXPERIMENTAR?!, QUER?!

MARIA DAS DORES - (tempo.baixa a cabeça) Não.

GABRIEL - Ah, bom. Muito bom. (tempo. tentando se acalmar) Procura prestar atenção ao que eu tenho pra te dizer, desde o dia em que te vi pela primeira vez, e que tou procurando te dizer durante todo esse tempo que você não deixou.

MARIA DAS DORES - Eu não devi

GABRIEL - (interrompendo) Ai, porra!! Será que não vou poder falar, merda?!!

MARIA DAS DORES - (indignada) Não fala assim que sou uma mulher de respeito, caralho!!

GABRIEL - Isso nós ainda não vamos discutir!

MARIA DAS DORES - Eu quero que você saiba

GABRIEL - (interrompendo) Eu já sei tudo que devida saber! Agora, quer fazer o favor de me ouvir? Se não eu vou perder a minha santa paciência!

MARIA DAS DORES - E eu?

GABRIEL - Tu cala a boca e ouve!

-(PAUSA: durante algum tempo se encaram. Por fim, Maria das Dores baixa a cabeça enquanto Gabriel senta na mesinha-de-centro.)-

MARIA DAS DORES - Está bem.(tempo) Pode falar.

GABRIEL - Muito bem. Diante da autorização dada

MARIA DAS DORES - (interrompendo) Sem gozação!

GABRIEL - Isso é pra depois. Agora, o que é necessário, é que você entenda de uma vêz por todas, Maria das Dores, que o que eu quero de tí é o teu coração, teu corpo, teu espírito. Eu quero é você, inteira.

MARIA DAS DORES - Eu não posso.

GABRIEL - Porque?

MARIA DAS DORES - Eu... eu não sei.

GABRIEL - O importante, Maria das Dores, é você saber, na

realidade, que uma alegria é uma alegria, que uma dor tem permissão para ser dor. Talvez até não seja tudo isso. Quem sabe, é só um desejo.

MARIA DAS DORES - Eu não sei, eu não sei.

GABRIEL - Será que a minha realidade é mais...concreta?

MARIA DAS DORES - Mas, porque você não me falou disso na rua?

GABRIEL - Não sabia como fazer.

MARIA DAS DORES - Tantas e tantas vêzes fui ao armazém da esquina comprar pão, e você nunca

GABRIEL - (interrompendo) O que é que eu posso fazer se sou assim?

MARIA DAS DORES - Mas foram tantas as oportunidades!

GABRIEL - Eu, eu tinha medo de quebrar a cara, e não queria que isso acontecesse.

MARIA DAS DORES - E essa coisa que você tem

GABRIEL - (interrompendo) Vou te contar um segredo. (tempo) Um dia caí de pé no poço, propositalmente. Calculei que êle tivesse uns dez metros de profundidade. Errei. Tinha muito mais. Acho que uns vinte, sei lá. Quase me desesperei. Quando toquei no fundo tomei todo ímpulso que podia e subi, pra nunca mais cair naquele poço nem em

em qualquer outro!

MARIA DAS DORES - O que é que tem haver?

GABRIEL - Tudo.

MARIA DAS DORES - Que tudo?

GABRIEL - Nunca foi cantada por outro homem?

MARIA DAS DORES - Várias vezes!

GABRIEL - Não parece. Estou aqui tendo uma diarréia de criatividade pra te dizer as coisas e você não entende!

MARIA DAS DORES - Estou entendendo tudo.

GABRIEL - Ou não quer entender?

MARIA DAS DORES - O senhor falava do poço.

GABRIEL - Senhor?

MARIA DAS DORES - Você Gabriel. Termina de falar do poço.

GABRIEL - Já terminei e você não entendeu nada!

MARIA DAS DORES - Vai direto ao assunto.

GABRIEL - Tá bom. Eu vou direto. Não sei como, mas vou. Eu quero você e não quero quebrar a cara. Isso tem que dar certo.

MARIA DAS DORES - E como é que vou saber que vai dar certo?

GABRIEL - Vendo como é. Experimentando.

MARIA DAS DORES - Como é?!(muito surpresa)

GABRIEL - Ô Maria das Dores, tem que ir a luta! Senão
como é que você vai saber?
(desconcertada)

MARIA DAS DORES - Eeeeu não sei!

GABRIEL - Mas eu sei!

MARIA DAS DORES - Eeee se não der certo?

GABRIEL - É que não podia dar!

MARIA DAS DORES - E se não der?

GABRIEL - A gente tem que tentar!

MARIA DAS DORES - (tempo:passa as mãos pelo rosto e pelos cabelos) E... o que é que eu faço?

GABRIEL - Ué! Nunca foi com outro homem?

MARIA DAS DORES - Não.

GABRIEL - (cai da mesinha para o chão sentado) Nããão?!!

MARIA DAS DORES - Não.

GABRIEL - (levantando-se, desconcertado) Bem, ...sendo
assim... eu explico tudo. Prometo. Eeeeu explico tudo.

MARIA DAS DORES - É que eu

GABRIEL - (interrompendo) Não precisa ficar preocupada.

MARIA DAS DORES - É que eu

GABRIEL - Me dê a mão. (estendo a mão)

MARIA DAS DORES - Pra que?

GABRIEL - Me dê a mão e deixa o resto comigo.

MARIA DAS DORES - (dando a mão, levantando-se) Olhá lá o que vai fazer comigo.

GABRIEL - (andando) Tudo o que você passou a vida imaginando!

MARIA DAS DORES - (acompanhando Gabriel) Olha lá, hem? Olha lá?
(acompanhando Gabriel, ambos saindo de cena)

GABRIEL - Pode deixar. Pode deixar.

(saem de cena)

-(Apaga-se o foco de luz sobre a sala-de-estar. Passagem de tempo. Acende-se o foco de luz sobre a sala-de-estar.)-

MARIA DAS DORES - (fora de cena) HAAAAAIIII!!!

GABRIEL - (fora de cena) O que foi?

MARIA DAS DORES - (fora de cena) Nada não. Tão bom!

GABRIEL - (fora de cena) Que susto. Posso continuar?

MARIA DAS DORES - (fora de cena) - Claro que pode!

GABRIEL - (fora de cena) - Que bom.

MARIA DAS DORES - (fora de cena) - Não pára nunca mais!

GABRIEL - (fora de cena) - Que ótimo!!!

-(Apaga-se o foco de luz sobre a sala-de-estar. Fecham-se as cortinas.)-

- F I M -

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025